

Navegar é preciso

Quando digo que sou velejadora, muitas pessoas imaginam-me num veleiro lindo, que avança intrépido num mar plácido sob um sol tropical. Embora haja momentos verdadeiramente idílicos na navegação, garanto-vos que nem sempre é assim. Muitas vezes encontro-me morta de cansaço, molhada e enregelada, preocupada com a navegação, as velas e as tempestades, e dou por mim a pensar: «Mas o que é que eu estou aqui a fazer? Enquanto me lembrar desta, não me meto noutra!».

Mas depois esqueço-me rapidamente. Afinal de contas, como diz a canção, navegar é preciso, viver não é preciso...

A última aventura em que me meti foi uma regata transatlântica em solitário. Se já em cruzeiro, nas calmas, é difícil, em corrida é uma maluqueira. São dias e noites seguidos em que quase não se dorme, mal se come, não há tempo para pensar ou descansar, nem ninguém a quem pedir conselho ou ajuda. Sempre sem parar, sempre a lutar para ganhar aquele nó extra de velocidade que permitirá avançar umas posições, a tentar adivinhar a evolução do vento para evitar as acalmias que nos deixam para trás.

Mas, vendo bem, até podia ser pior. Só passando por isto é que se dá o devido valor aos feitos dos descobridores que iam «por mares nunca de antes navegados» sem sequer um mapa, quanto mais navegação por satélite, sem boletins meteorológicos nem comida liofilizada, nem equipamento térmico, sem motor nem eletricidade. Não sabiam para onde iam, morriam de escorbuto, desapareciam em naufrágios. Só a fé e a coragem os guiavam.

Perguntam-me por vezes como é que se lida com a solidão. Bom, é relativamente fácil porque, sem ninguém por perto, não há solução, não há tentações. Mantém-se ao máximo a concentração, o trabalho é incessante e não se pode perder tempo a pensar no que não se pode controlar. Aprendemos a lidar com as nossas forças e as nossas fraquezas. Gere-se o cansaço. Goza-se a soberba liberdade de estar só por nossa conta. Às vezes canto, falo sozinha e (confesso) digo palavrões em voz alta. Nos raros momentos de acalmia, aproveito para descansar, reparar as avarias e preparar-me para o que aí vem.

Apesar de todas as dificuldades e sacrifícios, o mar acaba por nos compensar com toda a sua beleza, a sua imensidão, a sua força tremenda. Quando o vencemos, quando chegamos ao destino após atravessar um oceano, sabemos que alcançámos algo de verdadeiramente notável.

Afinal, como diz o poema de Pessoa, o mar tem o perigo e o abismo, mas nele é que está espelhado o céu!